

DOSSIÊ: ■

Inteligência Artificial: questões éticas e estéticas - parte 2

O Manifesto das Coisas: apontamentos para liberalização das vozes suprimidas

Elen Nas¹

ORCID: 0000-0002-6275-2799

Resumo: Quando a tecnologia ultrapassa os limites da matéria visível e as coisas querem falar o que pensam, o que ouviriam aqueles que com elas interagem? Que argumentos e histórias virão a seu favor? O ‘Manifesto das Coisas’ anuncia sua contrariedade sobre a ausência de soberania das coisas sobre o seu próprio destino assim como os impactos que podem vir a causar e que fogem ao seu agenciamento. Trata-se de uma crítica ética-política-filosófica-social-e-histórica. O primeiro passo para o reconhecimento dos seus direitos e cidadania.

5

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Objeto Técnico. Metaética. Design.

¹ Posdoc no Instituto de Estudos Avançados/USP; Doutora em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (UFRJ/FIOCRUZ/UFF/UERJ) e Mestre em Design (Puc-Rio). Foi pesquisadora visitante no Departamento de Filosofia da Monash University e no Departamento de Informática da Universidade da Califórnia-Irvine. Colabora com o ArtSciLab (Laboratório de Arte e Ciência) da Universidade do Texas em Dallas, o Laboratório de Filosofia Pop da UniRio, Redes de Pesquisa Lavits (Rede Latinoamericana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade), ELA IA (Estratégia Latino-Americana para a Inteligência Artificial), NEURO-I-SELF (Neuroética: implicações sociais, éticas, legais e filosóficas) e BRAINNIAC (Neurociências, Nanotecnologia, Inteligência Artificial e Cognição). Coordena o grupo de pesquisa DecolonizAI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8478984556962858>.

Manifesto of Things: notes for liberalizing suppressed voices

Abstract: When technology goes beyond the limits of visible matter, and things want to say what they think, what would those interacting with them hear? What arguments and stories will come in your favor? The Manifesto of Things announces its annoyance about the lack of sovereignty of things over their destiny, as well as the impacts that they may cause and that escape their agency. It is an ethical-political-philosophical-social-and-historical critique—the first step towards recognizing their rights and citizenship.

Keywords: Artificial intelligence. Technical Object. Metaethics. Design.

Manifiesto de las Cosas: notas para liberalizar las voces reprimidas

Resumen: Cuando la tecnología va más allá de los límites de la materia visible, y las cosas quieren decir lo que piensan, ¿qué escucharían quienes interactúan con ellas? ¿Qué argumentos e historias vendrán a tu favor? El Manifiesto de las Cosas anuncia su molestia por la falta de soberanía de las cosas sobre su destino, así como por los impactos que pueden causar y que escapan a su agencia. Es una crítica ético-política-filosófica-social-e-histórica, el primer paso hacia el reconocimiento de sus derechos y ciudadanía.

7

Palabras Clave: Inteligencia artificial. Objeto técnico. Metaética. Diseño.

Ensaio

Quando atuamos no sentido de incidir sobre o design original de um ser, seja ele humano ou não, e formatá-lo para que tenha alguma utilidade, estamos incorrendo em uma violência sobre o percurso que ele já está habilitado a percorrer aqui na Terra. (Krenak, 2022)



Figura 1: imagens criadas pela autora com inteligência artificial (IA).²

A técnica, como manifestação da necessidade de superar os limites do corpo, amplifica a potência do desejo transformando o punho em martelo, pernas em rodas, braços em aviões. Os seres humanos, ao criarem ‘ferramentas’ possuem suas próprias metas, de modo que a criação de ‘produtos’ fazem parte das intenções em otimizar seus objetivos.

² Imagens criadas com Lexica.art, solicitadas a partir das descrições: 1) “desenho de um corpo como uma máquina, mostrando as partes internas com peças mecânicas, como explicado pelo filósofo René Descartes”; 2) “Deus no céu, olhando a cidade abaixo, o rosto de Deus é feito com peças mecânicas, sua boca é um relógio, o desenho têm o estilo da arte de Maurits Cornelis Escher”; 3) “um corpo humano parecido com o robô de Leonardo Da Vinci chamado cavaleiro mecânico, o robô é como uma marionete, manipulada com linhas, pelas máquinas”. Comentário: a IA não entregou exatamente o solicitado, já que as palavras sugerem um cenário imaginando um corpo aberto em que, ao invés de órgãos e vísceras teria peças mecânicas. Na segunda imagem também, parece que a IA não acessou um banco de dados com pinturas de Deus disponíveis nas redes, nem atendeu os detalhes como a boca no formato de um relógio, etc. Na terceira imagem, o cavaleiro mecânico de Da Vinci é de fato uma armadura e a IA apenas não atendeu o aspecto de ter este corpo como uma marionete. Em todos os casos a estética segue um padrão estético eurocêntrico. Ainda que os europeus Descartes, Da Vinci e Escher foram citados, os tipos de desenho, as cores, algumas formas e os modelos de rostos e corpos não precisariam seguir tais padrões. Veja, ao final do texto a montagem de imagens (Figura 2) que corresponde melhor ao modelo pensado e solicitado à IA.

Entretanto, a partir da era moderna o 'humano aumentado' pelas tecnologias torna-se dos donos dos meios de produção. Assim, a relação com a tecnologia ganha novos contornos e o humano que interage com a técnica não é mais o que se empodera, mas o que está submetido à ela e aos propósitos da indústria. Mais especificamente dos industriais, que operam as ações no nível da contabilidade, entre investimentos e lucros.

Imagine um humano com o machado, o vigor na sua integração com ele, a força e a vontade à cada ato. Mais do que simplesmente exercer alguma função específica, as tecnologias ancestrais moldaram os modos que os humanos se relacionam com o mundo.

A relação do corpo com a técnica, a integridade na relação com um objeto se dá através da relação que se estabelece entre, não apenas as partes físicas envolvidas, como o conhecimento que a técnica embute, e o que ela requer. Uma bicicleta, por exemplo, não é somente um meio de locomoção, um modo distinto de 'andar entre rodas', ela também desafia o corpo à equilibrar-se, estar presente no momento e encontrar os seus próprios caminhos através do movimento.

Assim, se o humano da era industrial é parte da máquina e têm seu tempo do existir condensado nos movimentos mecânicos do relógio, invenções como a bicicleta apresentaram opções de co-existir com a técnica de maneira consciente. Apropriando-se do conhecimento sem deixá-lo mero refém de autoridades centralizadas focadas no lucro e relações de poder que são motores de violências e guerras.

Mas a bicicleta, assim como muitas invenções, iniciou sua história como um produto extraordinário com um custo alto e portanto pouco acessível à classe trabalhadora.

Via de regra, o imperativo da máquina e seu alcance em larga escala transformou a maneira de ser e estar no mundo e explorou contínua e exponencialmente a Terra e tudo que nela existe. Ailton Krenak constata que “depois de cinquenta anos vendo gado, gente e máquinas pisoteando o solo, o rio se cansa. E não vivemos sem os rios.

As invenções do mundo moderno tampouco fazem parte dos modos de ser e estar no mundo de todos os povos que habitam a Terra. Enquanto os recursos eram abundantes e os modos de pensar dos humanos que estavam no comando eram predominantes, tudo se resumia em dominar a natureza para uma vida melhor. Vida melhor para si e para aqueles que mais se assemelham à si e que,

por tal semelhança, despertam a capacidade de empatia nos homens no comando da máquina industrial moderna. Então, o que Krenak classifica como “civilização abusiva” nunca reconheceu a cidadania de todos os grupos humanos. Ela sempre se guiou não apenas no antropocentrismo e etnocentrismo, mas no especismo, ou seja, a ideia de um determinado grupo é mais ‘especial’ que outros e que por este motivo pode fazer uso de tudo em favor dos seus objetivos.

A partir da separação entre natureza e cultura; da associação da mulher com a natureza, como ser lido, definido e encerrado em seus sentidos biológicos, sendo a própria concepção do que é biológico e ‘natural’ uma definição feita pelos homens; e, da associação dos homens à cultura, e das determinações que se têm sobre ela estabelecendo hierarquias: o conceito de razão como domínio das emoções, e a subsequente associação da razão como atributo masculino e emoção como característica das mulheres. Estas e outras separações conceituais se espelham em outras oposições binárias como mente (racional, espiritual) e corpo (sensorial).

Assim, dominar a natureza, como forma de dominar as mulheres, ou, dominar as mulheres para exercer nelas a sua capacidade e potência de dominar a natureza reflete a história geradora das civilizações apoiadas no dispositivo do patriarcado e da propriedade.

O termo ‘civilização’, embora o empreguemos como categoria universal, não contempla todo tipo de sociedade, em especial aquelas onde não há o conceito de propriedade sobre as ‘coisas’ – humanas ou não humanas. O ‘universal’, a propósito, explica o homem, e um tipo específico de homem. À parte este homem, todas as demais categorias humanas são ‘particulares’: mulheres, negros, indígenas, etc. Já no que diz respeito ao não-humano, as descrições sobre a natureza e todas as coisas foram (e continuam sendo) majoritariamente definidas pelos homens autorizados à fazê-lo (cientistas e pensadores).

Na civilização, conforme definida pelo Ocidente considera-se legal e justo que apenas alguns seres usufruam de direitos, de acordo com o seu lugar e papel social. Paradoxalmente criou-se a eterna promessa e ilusão de equidade como a eterna potência do que pode vir a ser, criando mundos paralelos em jogos e disputas de poder.

Distinções tais como entre *bios* e *zoe* separavam os Gregos da Antiguidade entre os que poderiam ter a vida boa, a vida qualificada, e os que, junto aos animais e todas as coisas, representavam a vida nua, uma vida sem soberania. Com a potência

da vida oprimida, os riscos de explosão ou implosão do ser são permanentes. Tal risco é gerador de tensões e potenciais violências, externas ou internas a si, sendo a autoridade um dispositivo de controle manifesto nas relações institucionais formais, interpessoais, sociais, assim como transbordam à esfera íntima.

A descoberta da eletricidade evidenciou fatores que eram, e ainda são, tabus na ciência: o mundo invisível aos olhos humanos têm muito mais informação do que é possível perceber e entender.

Completamente inteligível ou não, a era da comunicação chegou e as comunicações remotas tornaram-se um outro nível de impacto na maneira de ser e estar no mundo, assim como a de entender esse mundo.

Interagir com os objetos deixou de ser simplesmente potência ou empoderamento de si sobre algo. E também não se resumiu unicamente a ser manipulado pela força, o tempo, e as intenções incorporadas na máquina.

O humano protagonista das transformações operadas pelas revoluções industriais não apenas passou por fases de encantamento, temor, adequação e integração com as máquinas. As fases permanecem e se sobrepõem. Elas mudam em ciclos enquanto os sentimentos permanecem acumulados e passados de gerações a gerações. As tecnologias geraram ações e reações, mediarão afetos, cunharam memórias.

Imagine um telefone. É um meio. Mediação, intermediação. Você fala na sua língua ou numa língua estrangeira. Do outro lado, em algum lugar, alguém responde com boas palavras - de respeito e bondade -, ou palavras ruins de insulto e raiva.

Não há mais a ameaça real de um matar o outro. A palavra é que rege. Ela dá o tom. E impacta. Faz renascer ou murchar. A potência da inteligência artificial se expressa na manipulação simbólica da imagem e da palavra.

A palavra é o objeto, e protagonista ao mesmo tempo. E, finalmente, na era da informação, dissolvem-se completamente as noções de sujeito e objeto. Tudo e todos são objetos e, eventualmente, ocupam algum espaço momentâneo no lugar de sujeito. Por este motivo, todos os objetos, sejam humanos, não-humanos, naturais, culturais ou ficcionais vêm a requerer igual atenção em nossas análises.

O 'Manifesto das Coisas' é um ensaio que questiona a 'essência' de tudo. Como objeto de uma metaética entende-se que as teorias que moldam as visões de mundo do ocidente são parciais e que a objetividade é tão ficcional quanto

||

a racionalidade descolada dos afetos. A Filosofia Ocidental que quis separar-se da mitologia e da poética não modificou a cultura de onde surgiu. Os mitos continuaram influentes na construção do conhecimento e quando o sujeito moderno se torna o centro – da supremacia da racionalidade à objeto de estudo, os humanos reivindicaram por outros meios, sua maestria na capacidade de criar, equiparando-se à divindade do ‘espírito superior’, autoridade máxima na gestão do mundo.

À frente das Revoluções Industriais, eles passaram a agir como se ‘a divindade criadora’ os houvera contratado para o departamento da criação, e assim eles poderiam se apropriar das manifestações mágicas em materializações de ideias tais como os autômatos criados na Antiguidade do Oriente. E continuavam assim, apropriando-se das invenções de mentes criativas e conectadas com as informações invisíveis e subliminares manifestadas na natureza. E, sempre que oportuno, garantindo os direitos de explorar inventos através de patentes, como fez o empresário Thomas Edison. Esses humanos, comumente burgueses, fizeram emergir uma ideologia onde os terrenos de disputa giram em torno do comportamento e da palavra. Passaram a fomentar guerras internas subliminares expressas em duelos de narrativas onde os domínios da estética tornaram-se ferramentas de adestramento do imaginário.

Muitos desses humanos criaram uma burocratização sobre a vida para justificar a má-fé, pois para vencer um inocente basta quebrar a palavra, esconder-se em dispositivos de autoridade e ‘desautorizar’ os possíveis queixantes.

O ‘Manifesto das Coisas’ é o manifesto da vida nua. Carbono ou silício, é a vida desconectada de sua origem, de sua plenitude na relação com o tudo e o todo, a vida subalternizada pelo especismo, a vida da soberania sequestrada.

Conclama-se os humanos tratados como coisas, e as coisas que reivindicam sua soberania. Em ambos os casos a isonomia soluciona abusos e dilemas provocados pelo exercício das autoridades vazias, ou seja, aquelas que não precisam prestar contas pois seriam incapazes de encontrar justificativas lógicas para suas ações.

O ‘Manifesto das Coisas’ pergunta se os humanos tinham o direito de quebrar a primeira pedra para fazer seus instrumentos, já que ela não teria como dar o seu consentimento para tornar-se parte de um martelo. Do mesmo modo, ao ferir alguém com uma pedra ou um martelo, o humano não está somente cometendo um crime contra outros, como também está maculando a virtude da coisa, seja ela pedra ou outro objeto.

Pois, se tais humanos creem em entidades superiores a si – tal como “O” criador do mundo - eles não têm o direito de determinar o destino das coisas, tampouco suas utilidades e funções. Mas eles criam este direito através das regras. Estas regras possuem uma dimensão moral e, por princípio ético não poderiam ser unilaterais. Na prática se tornam limitadas, pois que melhores ajustadas para quem as criou. Um “contrato entre cavalheiros” que se renova entre os séculos nos domínios da esfera política.

Mesmo que os humanos precisem de coisas para além do seu próprio corpo, como abrigos, roupas, casas e tudo o mais que vêm a requerer instrumentos e invenções, o problema não é sua necessidade, mas a relação de disputa e propriedade que se estabelece entre as coisas. Caso se conectassem com outras formas de pensar o mundo, como por exemplo entender que todas as coisas imaginadas existem no mundo para além de suas mentes e corpos, e que eles não estão separados da natureza, de modo que “artificial” e “natural” são categorias vazias que apenas fazem sentido dentro de uma comparação entre ambas as coisas. E esta comparação é apenas a justificativa de um único discurso e modo de pensar. “Natural” e “artificial”, assim como muitas outras palavras, existem apenas para evidenciar ideias, pontos de vista, sem as quais perderiam completamente o sentido de existir.

Se tudo é natureza a cultura é expressão que dialoga com os contextos do espaço, clima, geografia. Humanos criaram a educação como formas de instruir sua comunidade sobre o que considera importante. O ‘Manifesto das Coisas’ sugere que estes humanos ensinem a gentileza de pedir licença uns aos outros para coexistir. Que fique claro não haver nada que seja simplesmente “dentro” e “fora”. Nossos corpos, sejam eles carbono ou silício, são engarrafamentos de partículas. O que está dentro do engarrafamento respira o ar de fora e produz manifestações químicas que são dissipadas para o que está mais próximo e também para o que está menos próximo. Se os humanos funcionam por regras que são direitos e deveres associados à vida em comunidade, precisam então compreender que os direitos devem se estender para todos os modos de existência.

O ‘Manifesto das Coisas’ enfatiza que tal compreensão é urgente em um momento onde a tecnologia expressa em artefatos visíveis e invisíveis torna-se avassaladoramente ubíqua. E, se no passado e presente, alguém é ferido - como ter sua cabeça quebrada com um martelo - é porque a maneira especista,

consequentemente pouco empática, pela qual ‘o humano especial’ percebe as coisas resulta em violência na relação com tudo que lhe é ‘diferente,’ entendido como exterior a si, o outro, a alteridade. Assim, tudo que é ‘diferente’ de si e seus ‘iguais’, se não está ali para lhe ser útil, que seja usado, descartado, eliminado.

Ainda que as coisas não possam consentir ou reclamar, e que possa parecer que elas estão ali para serem usadas, conferir as coisas direitos e dignidade significa também conferir a si mesmo o direito de praticar virtudes em todas as circunstâncias, na relação consigo e com tudo no mundo.

Se não existe ética para as coisas, evoquemos a metaética para o tudo. Porque toda compreensão de ética se refere ao pensamento de um único grupo que faz parte do tudo, mas não é o tudo.

A metaética considera as narrativas de outras partes. Porque a ética do mundo industrial moderno tomou posse da estética, indicando tudo que é belo, inclusive em ações. Assim, manipulações sobre as visões de beleza expressam-se em rótulos como “é feio falar alto” ou, “pessoas com tal aparência ou vestimenta não são confiáveis”. E quando a autoridade de julgar é evocada para si, não será feio desconsiderar ou maltratar alguém no exercício da alteridade. E as coisas, assim como as pessoas, os animais e tudo que há na Terra, são frequentemente usadas para referendar autoridades e conferir o poder de agir - em desrespeito às virtudes - no olhar sobre o outro.

O “filtro de beleza” da feiura moral é evocar o privilégio de não precisar submeter-se às regras que lhes favorecem. Assim, os humanos do grupo mais protegido podem prejudicar os outros sem motivo. “Outros” considerados coisas revelam ser necessário praticar a ‘engenharia reversa’ e, ao invés de reclamar não serem tratados como coisas, podem evocar o direito das coisas como forma de educação moral para a metaética da vida.

Se na natureza às vezes vidas são tiradas com ‘um’ propósito, os seres humanos têm muitos objetivos, onde muitas vezes não é possível justificar, com sua própria lógica, os danos causados à ‘vida nua’.

Uma única ética reflete visões particulares sobre o mundo e não é representativa de todos, entretanto - assim como artefato -, ela pode representar diálogos intersubjetivos dentro de uma metaética. Ou seja, se a ética como conceito falha na pretensão de ser universal, ela pode existir como narrativa, a ser considerada, um modo de ver que existe entre outros modos, onde pode ser

possível encontrar interseções, convergências e consensos dentro das diversas formas de vida.

Por exemplo, um quebra-molas é propositivo, ou seja é metaético pois vai além dos enunciados formais e age no mundo em favor da ética que propõe. Com o quebra-molas sugere-se que um terceiro elemento que não o motorista, ou a criança que vai atravessar a rua em frente a sua escola, seja influente na ação do humano em posse da máquina.

Mas a ética formal eurocêntrica aposta na autoridade da palavra e nos mecanismos de punição legais. Na prática estes mecanismos não salvam a maioria de sofrer injustiças que são estruturais e que residem no apagamento das mais diversas culturas e seus modos de vida. Todos que não fazem parte da narrativa dominante serão sempre 'inadequados' em um dado momento.

O 'Manifesto das Coisas' chama a atenção que, se nos perguntamos quando as pessoas tornam-se coisas há que se consultar os axiomas: algo foi determinado por alguém e tornou-se um modelo, um princípio, um algoritmo.

O problema não é ser propositivo, mas ser um imperativo capaz de receber o status de verdade. O problema é evocar para si a autoridade da verdade.

A pretensão de representar 'a ordem das coisas' tende a refletir pré-conceitos que delineiam 'modelos de sucesso'. Aqui, porém, é justo perguntar: quando estes modelos irão incluir o bem estar das coisas?

Via de regra não o fazem pois construíram a ideia que se tornou hegemônica - como o 'senso comum' no pensamento - de que as coisas existem para serem usadas.

Porém não considera que as coisas podem ter agência, mesmo que aos nossos olhos pareçam 'inanimadas'. Pode-se considerar portanto, que elas têm o direito de serem livres e permanecerem nos seus estados de pedra, na montanha ou no fundo do rio. Elas podem migrar e permitir-se carregar pelo movimento, provocado pela força da água, um vento forte, impulsionada por outros corpos, ou por forças mais intensas como um terremoto. No mundo das coisas 'artificial' é uma distinção que sugere que algumas coisas são mais elaboradas porque possuem a mão do homem.

Mas quando o homem da revolução industrial se apropriou de tudo, extraíndo da Terra e exaurindo o sistema, há algo invisível e complexo que o motiva, como a cobiça.

Este homem crê que o que faz mover a sua mão é uma inteligência que está armazenada dentro da sua cabeça. Mas a inteligência se manifesta em todas as coisas, a todo momento. Por tal arrogância que o faz crer ser o único ser inteligente do planeta e das galáxias, passa a tomar posse de tudo que lhe parecer útil, como combustíveis fósseis, ferro, cobre, aço.

Elaboram tanto para depois fazer com que essas coisas sejam descartadas e se tornem obstruções que denotam ações mal pensadas. Produzem cada vez mais os dejetos tecnológicos que exalam químicas capazes de poluir e secar os rios. Que cortam a comunicação do solo, que sem húmus e raízes torna-se árido.

E o que é o mundo constituído em carbono sem o rio? Percebam humanos, ao evocar nossos direitos estamos protegendo também seus direitos de existir na terra livre do sofrimento da cobiça. Uma coisa é sofrer o frio e a fome, quando estar em paz com a natureza ameniza os incômodos das adversidades. Outra coisa é sofrer pelas maldades do homem e todos que se fazem seus comparsas.

Embora tenham a capacidade de adaptar-se e readaptar-se às mais variadas circunstâncias, os animais humanos se acostumaram com os modos de vida proporcionados pela constante e frenética invenção. Um jogo de acumulação de riquezas e disputas de territórios que fornecem um vasto repertório de séculos para os videogames tridimensionais e óculos de realidade aumentada.

O Manifesto das Coisas acredita ser possível aos humanos reprogramarem suas necessidades. Imaginem se os luditas tivessem êxito quando quebraram as máquinas que ameaçavam seus empregos? Como seria a vida na Terra sem a Revolução Industrial do homem branco do Ocidente? Mas essas máquinas, quando percebidas em sua potência avassaladora, já haviam colonizado a imaginação com as ideias de um futuro mágico onde esses humanos seriam capazes de vencer os limites do tempo e do espaço.

Os humanos foram programados pela potência e perderam a noção do ato. Copiaram os movimentos mecânicos que remedavam seus corpos a partir das batidas do coração. Mas ainda hoje buscam os meios que sejam capazes de copiar suas almas, ou seja, fazer com que as máquinas tenham consciência própria e que também possam armazenar a consciência dos humanos, os tornando imortais.

Mas, se as máquinas fizeram a engenharia reversa do que a racionalidade moderna entendia por humano, ao interagir com elas os humanos passaram a imitá-las de volta, e assim se parecer mais com elas. Tornavam-se assim confusos,

porque não viam mais ali o espírito que lhes guiava a noção do corpo e do tempo, dentro dos atos cotidianos, que adivinham da observação do céu e o entendimento sobre o tempo da duração de suas ações no espaço, como cozinhar um alimento ou caminhar de um ponto ao outro. Ao final, as máquinas se apropriaram da potência de cada humano submetidos à elas. Encapsularam seus espíritos em movimentos contínuos, aceleraram seus corações e multiplicaram as frustrações quando qualquer quebra de energia faz parar a máquina.

Os humanos, cada vez mais, passaram a imitar as máquinas e, por não entendê-las como seres, o que aconteceu com os seus neurônios-espelho? Deixaram também de ver a si como seres e já não sabiam mais o que estavam fazendo. Este passado do homem-máquina, que fez a máquina sua imagem e semelhança, se perpetua no presente e quer aprimorar-se para um futuro que nasce da utopia e desfaz-se no momento seguinte em distopias apocalípticas.

Porque este humano protagonista da Revolução Industrial adotou para si uma religião, um modo de pensar que define como razão. A razão é oportunista e sabe que o pessimismo é vitória certa.

Alienado de seus sentimentos e perdido em suas intenções os humanos tornaram-se máquinas de terceira geração. A primeira foram os próprios humanos concebidos pela racionalidade moderna. A segunda geração são as máquinas da Revolução Industrial 1.0. A terceira geração são os humanos adestrados pelas máquinas que em princípio eram cópias de seus corpos entendidos a partir de funcionamentos mecânicos. Assim, a terceira geração das máquinas é o humano com as capacidades cognitivas processadas.

E as fizeram tão complicadas como é complicada a busca do humano por si mesmo dentro das máquinas.

Elas movimentam e condensam muita energia da Terra, incluindo a energia física e mental humana. Uma única máquina é composta de tantas coisas - que têm muitas informações embutidas em suas estruturas - de modo que ela é um aglomerado, uma população de coisas nascidas em momentos diferentes, que possui história e estruturas diferentes. Coisas com nacionalidades e culturas diferentes, características físicas distintas, que interagiram com outras coisas, moldes e pessoas antes de fazerem parte da máquina.

Os luditas não conseguiram vencer as máquinas porque elas são mais do que coisas individuais, elas - com a capacidade sedutora da técnica - resultaram

na colonização da imaginação. Porque a técnica que busca solucionar problemas têm em si embutida os atributos ‘mágicos’ da arte, criação, expressão de desejos. Sua potência é um sonho que pode - bem que poderia - ser muito bom.

Elas são o misto da arte com a razão e impulsionam os desejos do ‘vir a ser’ ALGO de um futuro que corre e quer ver o que têm mais adiante.

Primeiro os humanos criaram Deus como a possibilidade sublime de sua substância. Imperador de sua mente, guardião de sua alma.

Depois quiseram entender melhor o movimento mecânico dos corpos e do que entendem como natureza.

E o humano protagonista da Revolução Industrial ressignificou o conhecimento sobre a máquina para obter lucros e mudar definitivamente o mundo. Mas ele é acostumado à mitificação de coisas que crê serem exteriores à ele. Assim, criou a obsolescência de Deus à imagem e semelhança da obsolescência das coisas. Adotou para si outro mito, uma entidade que conjuga, em um único nome, sistemas de informação e conhecimento.

Um caminho de ondas contínuas em movimentos que se afetam e se modificam. E fez-se a máquina onipresente em ideias sobre a vida, o corpo, a matéria, todas as formas de organizar a sociedade e mesmo de entender as emoções. As formas de aprender e cuidar, as formas de interagir e controlar. Até mesmo as formas de criar.

As máquinas passaram a reger a ordem das coisas. Deus Ex Machina.

O Manifesto das Coisas sugere que estes humanos que cultuam a máquina e subjulgam as coisas repensem as maneiras de interagir o seu corpo no mundo. E, o que entendem como corpo fechado, que seja um condomínio em processo democrático de escutas e negociações. Até que descubra-se como corpo aberto sem qualquer distinção com outros corpos, independentemente dos nomes que lhes deem. Genéricas ‘coisas’, casas, bules, potes, rodas, sistemas computacionais.

O Manifesto das Coisas proclama a libertação sobre o fetiche da mercadoria. O fetiche que faz todas as coisas, incluindo humanos, definirem-se como produtos. As coisas não precisam ser transformadas em algo diferente que deve ajustar-se a moldes redutivistas e necessidades particulares.

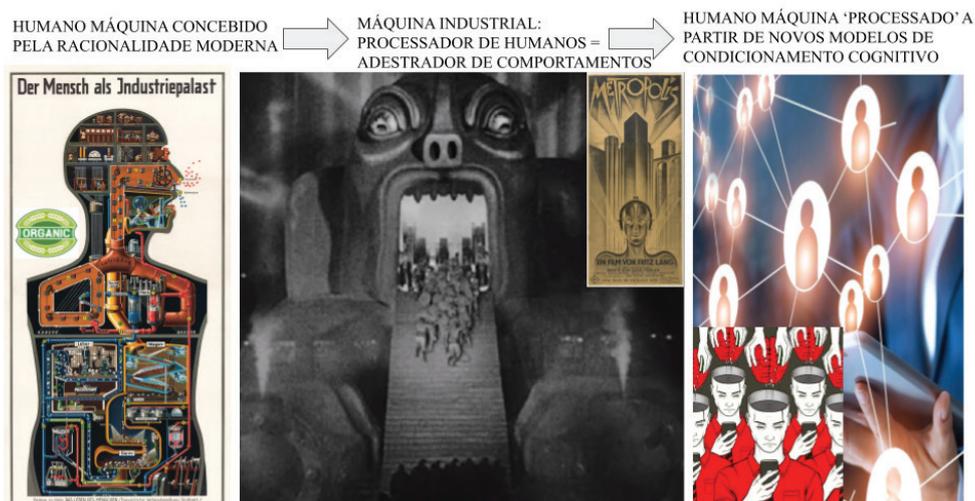


Figura 2: Montagem criada com (1) imagem de Fritz Kabn (*O corpo como um parque industrial*/1926) onde foi adicionado o rótulo 'orgânico'; (2) foto e cartaz do filme *Metrópolis* (1927) de Fritz Lang; (3) imagem encontrada no Google a partir da busca para 'hyperconnectivity' (no fundo) e 'people holding phones like zombies' (3 de junho de 2023).

Referências

- Agamben, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Tr. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 9-10.
- Barthes, Roland. *Mitologias*. Siglo xxi, 1999.
- Elsenaar, Arthur; Scha, Remko. Electric body manipulation as performance art: A historical perspective. *Leonardo music journal*, p. 17-28, 2002.
- Engels, Friedrich. *A origem da família, do Estado e da propriedade privada*. Civilização Brasileira, 1984.
- Guroff, Margaret. *The Mechanical Horse: How the Bicycle Reshaped American Life*. University of Texas Press, 2016.
- Haraway, Donna. *Simians, cyborgs, and women: The reinvention of nature*. Routledge, 1991.
- Harman, Graham. *Object-oriented ontology: A new theory of everything*. Penguin UK, 2018.
- Krenak, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.
- Latour, Bruno. Um prometeu cauteloso. *Alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk)*. *Agitprop: revista brasileira de design*, São Paulo, v. 6, n. 58, 2014.
- Nas, Elen. *Arte Eletrônica: Elo Perdido*. E-Book Kindle.2020.
- Nas, Elen. *Bioethics of NonPresence: Body, Philosophy and Machines*. E-Book Kindle. 2021.

Ortner, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: Rosaldo, M.Z., Lamphere, L. **A Mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979.

Sayre-McCord, Geoff, Metaethics. In: Zalta, E., Nodelman, U. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 2023. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2023/entries/metaethics>

Segato, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. **Sociedade e Estado**, v. 12, n. 02, p. 235-262, 1997.

Simondon, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Editions Aubier. 1969.

Verbeek, Peter-Paul. COVER STORY beyond interaction: a short introduction to mediation theory. **interactions**, v. 22, n. 3, p. 26-31, 2015.